



Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ
Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde

Saúde e doença de escravizados e descendentes da sociedade petropolitana oitocentista (1866-1886)

Discente: CAMILLA VIEIRA SAYÃO CARDOSO

Orientadora: D^{ra} TÂNIA SALGADO PIMENTA

Introdução:

Inicialmente abordo um pequeno contexto histórico em caráter introdutório sobre a cidade de Petrópolis como maneira de apresentar os aspectos que me fizeram ter interesse em estudar a sociedade no século XIX. No princípio das minhas pesquisas percebi que não existem muitos trabalhos sobre a cidade que estivessem voltados para o estudo da escravidão e tampouco há uma vasta bibliografia que permita ter uma visão ampla do contexto histórico da região. Porém, mesmo com essa escassez de documentos, durante uma visita ao arquivo paroquial da Catedral de São Pedro de Alcântara, acabei me deparando com 3 livros de registros de óbitos onde constam informações sobre os colonos europeus, brasileiros e os escravizados e seus descendentes e um livro de óbitos que traz informações específicas sobre os escravizados e seus filhos. A partir desse contato com esses registros, começaram a surgir questionamentos sobre a presença desses escravizados e descendentes em Petrópolis e a maneira que essas doenças influenciaram o cotidiano dessas pessoas.

Logo, esses assentamentos de óbitos foram os primeiros caminhos que me levaram a ter esse interesse em estudar os escravizados dentro de Petrópolis, pois esses documentos possibilitam conhecer as questões que circundam a vida e assim identificar as condições de vida dessa população e ter uma visão mais ampla do cotidiano da sociedade petropolitana.

Além disso, tive acesso a um livro intitulado "*Traços de Koeler: A origem de Petrópolis a partir da planta de 1846*", na biblioteca do Museu Imperial, dos autores Flavio Menna Barreto Neves e Eliane Marchesini Zanatta que trazem um estudo sobre a fundação da cidade a partir do projeto elaborado pelo Major Júlio Frederico Koeler. De acordo com os autores, Petrópolis foi fundada no ano de 1843 pelo Imperador D. Pedro II e nesse período, na região, já somavam mais de cinco mil

habitantes e tinha quase mil moradias pelo seu território. Além disso, já existiam atividades econômicas que estavam compostas por cento e cinco estabelecimentos, dentre eles, armazéns, hotéis, cocheiras de aluguel de cavalos. Havia também um comércio voltado para atividades que promovia passeios, venda de ingressos para espetáculos e venda e aluguel de escravos. (NEVES, ZANATA, 2016, p15)

Como o projeto do major Koeler não tinha o objetivo de manter a mão de obra escravizada, foram trazidos para trabalharem em Petrópolis colonos europeus. Contudo, essa política ia contra os interesses da maioria dos senhores de escravizados que não concordavam com a mão de obra livre europeia, portanto foram abertas exceções, ou seja, pessoas livres, libertas e escravizadas foram trazidas para trabalharem na construção da cidade. De início a quantidade de cativos enviados foram de trinta e nove pessoas advindas da fazenda de Santa Cruz, RJ, incluindo crianças (NEVES, ZANATA, 2016, p 54).

Uma questão interessante também apontada no livro é o aspecto do clima, que chamava atenção dos médicos brasileiros por considerarem benéfico à saúde devido à diferença de temperatura em relação ao Rio. A vegetação, as águas foram ditas como "remédio" e a comissão médica aconselhava que as pessoas e famílias estrangeiras residissem em regiões do interior do Rio, tais como: Tijuca, Santa Teresa, Petrópolis e outros lugares que eram considerados salubres, principalmente no ano de 1850 no período da epidemia de febre amarela.

Além do livro "Traços de Koeler" também utilizo o trabalho de Lilia Moritz Schwarcz "*As Barbas do Imperador*" como base para trazer um pouco mais do contexto de Petrópolis no século XIX. A Fazenda do Córrego Seco foi a sede da cidade de Petrópolis e onde seria construído o palácio de veraneio de D. Pedro II, adquirida durante o primeiro reinado, pois o Imperador gostava muito da região, o clima ameno, principalmente nos verões, portanto ele tinha por objetivo construir um local onde pudesse junto com sua família usufruir do clima fresco da região serrana. Contudo, isso não foi possível, porque depois sua abdicação ao trono e seu falecimento, D. Pedro I deixou dívidas que foram levadas à justiça para que fossem quitadas, portanto a fazenda que ele havia comprado passou para as mãos dos credores. Contudo, no ano de 1840, quando D. Pedro II completa a maior idade e por questões de partilhas de bens, o Brasil recorre a justiça e quita a dívida, recuperando assim a propriedade dos Bragança e passou a pertencer ao herdeiro do trono. (SCHWARCZ, 1998, p 357 e p 358).

A partir do ano de 1843 o Imperador decidiu usufruir da Fazenda do Córrego Seco que por sua vez foi arrendada pelo major engenheiro Júlio Frederico Koeler. Logo, ficou a cargo do major o planejamento de construção da cidade. Para a construção da cidade, não somente foi utilizada a mão de obra de colonos europeus, mas também dos escravizados, livres e libertos. No ano de 1853 chegaram à Petrópolis os africanos livres, além disso na rua do Imperador foi iniciado um comércio de escravizados. Na região também havia quilombos, um em Vargem Grande, outro em São José do Rio Preto. (SCHWARCZ, 1998, p361 e p362).

A cidade foi crescendo com vários tipos de comércio, por exemplo: "hotéis, teatros, restaurantes, cervejarias, confeitarias, bilhares, cabeleireiros e barbeiros, hospitais, sociedades de música, igreja e capelas, comércio elegante, casa de banhos e duchas, bons colégios, palacetes. Fábricas de boas cervejas e de tecidos se desenvolvem com vigor". A cidade mantinha uma característica "elegante" e "civilizada" e era um local onde se realizavam diversos eventos, como: "as festas e saraus, bailes, companhias francesas de comédia, teatro nacional, concertos musicais e recitais, conferências, variedades". O imperador participava de todos os festejos (SCHWARCZ, 1998, p372 e p373).

Portanto, a partir da documentação citada, tenho por objetivo com essa pesquisa compreender o cotidiano dos cativos, livres, libertos a partir de uma perspectiva comparativa com o de brancos livres na sociedade petropolitana do século XIX, tendo como foco as condições de vida desses indivíduos. Além disso, tenho por foco fazer uma análise das principais doenças que os levaram a morte.

Além disso, busco também identificar as causas mortis de cada grupo de escravizados, libertos e negros livres e de brancos livres em Petrópolis nos anos de 1866 a 1886 destacando aspectos políticos, econômicos, culturais que estavam diretamente relacionados com os trabalhadores da cidade. Classificar as doenças de acordo com os grupos "infecto-parasíticas", "do sistema digestivo", "do sistema respiratório", do sistema nervoso e sintomas neuro-psiquiátricos", "primeira infância e malformações congênitas", "morte violenta e acidental", "do sistema circulatório", "doenças reumáticas e nutricionais e doenças reumáticas e nutricionais\ e doenças da glândula endócrina", "gravidez, parto e puerpério", "sistema geniturinário", "causas conhecidas", "causas de morte mal definidas", "causas desconhecidas", a fim de estabelecer relações com as condições de vida.

Quanto ao recorte temporal, a princípio foco no período de 1866 a 1886, pois gostaria de analisar o cotidiano dos escravizados e se houve mudanças nas condições de vida durante o período que surgiram as leis do ventre livre e dos sexagenários e a inauguração do hospital Santa Teresa no ano de 1876 - que foi um hospital criado pelos imperadores D. Pedro II e Dona Teresa Cristina tendo como objetivo cuidar dos pobres - e no fim da escravidão.

Procuo aprofundar um pouco mais a história petropolitana, como forma de entender a sua construção social oitocentista, não somente voltada para estudos sobre as classes dominantes, mas mostrar que outras classes consideradas pobres também compuseram a sociedade, além de terem participado diretamente de sua construção. Ademais, com essa pesquisa, torna-se possível levantar as seguintes questões: As doenças que atingiam os escravizados estavam diretamente associadas às condições de vida e trabalho? De que maneira o clima poderia desencadear doenças, já que Petrópolis é uma região fria?

O projeto debruça-se também em fazer um estudo comparativo entre as principais doenças que atingiam os brancos livres, os africanos e afrodescendentes que habitaram a região, podendo dessa forma identificar se havia ou não

uma diferenciação no cotidiano dessas pessoas. Logo, partindo desse pressuposto surge o seguinte questionamento: os indivíduos africanos e seus descendentes, escravizados, libertos e livres tinham as mesmas condições de vida que os brancos livres? Além disso, é possível identificar as experiências com a saúde e doença vividas por essas pessoas, aspectos culturais e os impactos sociais que essas experiências tiveram dentro da sociedade estudada.

Discussão historiográfica

Para auxiliar no estudo sobre a escravidão no Brasil, a princípio recorro ao trabalho de Keith de Oliveira Barbosa e Flávio Gomes¹ que em seu texto fazem um trabalho comparativo sobre os aspectos de “morte”, “cultura material” e “dimensões de diáspora” dos escravizados para o Brasil baseados em estudos focados na mortalidade e morbidade. A partir dessas análises apresentam bibliografias que auxiliam para um estudo mais aprofundado sobre o tema.

Outra autora sobre a qual me debruço para a realização da pesquisa é Iamara da Silva Viana², que afirma que as moléstias do período oitocentista necessitam ser estudadas levando em conta as particularidades do período em que estavam inseridas, como por exemplo, a ideia disseminada entre os africanos, livres e libertos e parte dos brancos e mestiços, que havia uma relação entre o corpo e o espírito e as doenças.

Há outro trabalho de Viana que utilizo na pesquisa intitulado “*Morte escrava e relações de poder em Vassouras (1840-1800): hierarquias raciais, sociais e simbolismo*”, tem por objetivo entender as relações de poder que havia por trás da morte de escravizados e libertos, as principais moléstias que os acometiam, suas expectativas de vida e como se davam os sepultamentos nos anos estudados na Freguesia Nossa Senhora da Conceição de Vassouras.

Para abordar um pouco sobre a presença dos africanos livres que habitaram a região, tenho como base o livro intitulado “Africanos Livres: a abolição do tráfico de escravos no Brasil” – Beatriz G. Mamigonian auxilia a contextualizar sobre esses indivíduos dentro de Petrópolis e a compreender como era a condição de vida dos africanos livres e toda a política de controle que ainda existia entorno deles.

Me utilizo do trabalho pioneiro de Mary Karasch³ que analisa os documentos de registro de óbito da Santa Casa da Misericórdia que trazem informações sobre os sepultamentos dos escravizados do século XIX. De acordo com a pesquisado-

1 BARBOSA, Keith de Oliveira e GOMES, Flávio: *Doenças, morte e escravidão africana: perspectivas historiográficas* Escravidão, doenças e práticas de cura no Brasil. In: PIMENTA, Tânia Salgado; Gomes, Flávio: “Escravidão, doenças e práticas de cura no Brasil”. Rio de Janeiro. Ed: Outras Letras, 2016.

2 VIANA, Iamara da Silva: *Doenças de escravizados em Vassouras, 1840-1880: principais causas mortis e suas implicações*. In: PIMENTA, TÂNIA Salgado; GOMES, Flávio: “Escravidão, doenças e práticas de cura no Brasil”. Rio de Janeiro: Outras Letras, 2016.

3 KARASCH, Mary: *A Vida dos Escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)*. São Paulo. Ed. Compa-

ra, esses registros foram escritos por médicos que especificavam as causas que levaram os cativos ao óbito e que foram enterrados no cemitério da Santa Casa. Em seu trabalho, também apresenta tabelas onde aponta as principais doenças, como por exemplo, o apêndice B que contém as causas das doenças dos escravizados entre os anos 1833 e 1849. Também me debruço na pesquisa de Júlio César Medeiros da S. Pereira⁴ que estuda a Imperial Fazenda de Santa Cruz a partir dos manuais criados para orientar quanto aos cuidados prestados aos escravizados com o intuito de avaliar se a Fazenda estava de acordo com esses manuais.

O período do fim do tráfico negreiro também é um caminho importante para analisar principalmente as transformações que ocorreram nas condições de vida em que os escravizados e seus descendentes se encontravam. Especialmente as mudanças no olhar dos senhores e médicos em relação aos escravizados, para auxiliar nas análises dessa perspectiva sobre o fim do tráfico, o texto de Sidney Chalhoub⁵ é um trabalho que traz esse estudo sobre a política que havia em torno dos livres e libertos e dos próprios escravizados a partir desse momento histórico.

Outro caminho que me proponho a abordar está relacionado com as condições de vida dos escravizados, livres e libertos dentro de Petrópolis porém, me atentarei primeiramente para uma visão mais ampla sobre o tema, para isso busco embasamentos no texto de Sidney Chalhoub⁶.

Metodologia e fontes

Para a realização da pesquisa, estão sendo analisados três livros de Registros de Óbitos da Catedral de São Pedro de Alcântara de Petrópolis (RJ). Dois dos livros contêm informações tanto dos escravizados e descendentes quanto dos brancos livres, fator que muito me chamou atenção, pois normalmente os escravizados eram registrados em livros diferentes dos brancos livres. O primeiro livro abrange o período de 1866 a 1878; terceiro de 1878 a 1896, porém o trabalho se debruçará entre 1866 a 1886, pois são anos que estão em paralelo ao livro específico dos escravizados e seus descendentes – quarto livro, 1872 a 1886 - que começou a ser elaborado após a lei do Ventre Livre e nele constam informações somente dos filhos de escravizados, tais como: Nome, idade, causa mortis e nome do senhor a qual pertenceu.

Inicialmente elaborei duas tabelas no Excel, a primeira contendo informações dos escravizados e descendentes tais como: Número da digitalização; livro;

Revista de Letras, 2000.

4 PEREIRA, Júlio César Medeiros da S. *"A América devora os pretos: teses médicas, manuais de fazendeiros e grandes escravarias"*. In: PIMENTA, Tânia Salgado; GOMES, Flávio: *"Escravidão, doenças e práticas de cura no Brasil"*. Rio de Janeiro. Ed. Outras Letras, 2016.

5 CHALHOUB, Sidney: *"População e Sociedade"*. In: CARVALHO, José Murilo: *"A construção nacional: 1830-1889"*. Vol 2. Rio de Janeiro, 2012.

6 CHALHOUB, Sidney: *"Precariedade estrutural: o problema da liberdade no Brasil escravista (século XIX)"*. In. Pós-graduandos Unicamp. *"História Social Dossiê de Racismo"*. Campinas, Unicamp, 2010.

página; dia; mês; ano; nome; sexo; cor; idade; nacionalidade; condição; proprietário (quando escravizado); causa mortis e observações. A outra tabela contém dados dos brancos livres, como: número da digitalização; livro; página; ano; mês; dia; nome; sexo; nacionalidade; idade; causa mortis e observações. As tabelas estão sendo feitas de maneira separada, para que assim facilite as análises e com isso seja feito um trabalho comparativo entre os brancos europeus e descendentes e escravizados e descendentes com o objetivo de compreender se as doenças que atingiam aos brancos livres eram as mesmas que atingiam aos escravizados e se havia uma diferença na condição de vida desses indivíduos e assim entender o cotidiano desses indivíduos.

A primeira tabela a ser elaborada foi sobre o livro 2 (1866-1878), pois é de uma caligrafia mais legível e assim se tornou mais viável para o prazo limite da qualificação. A quantidade de registros desse livro é de 1.424, dividido em 1138 registros dos brancos e 286 de escravizados e descendentes.

Como fonte de contextualização da cidade de Petrópolis, como dito acima, me utilizo dos livros "*Traços de Koeler: A origem de Petrópolis a partir da planta de 1846*" dos autores Flávio Menna Barreto e Eliane Marchesini Zanata e o livro "*As Barbas do Imperador*" de Lília Moritz Schwarcz.

Referências

BARBOSA, Keith de Oliveira e GOMES, Flávio: *Doenças, morte e escravidão africana: perspectivas historiográficas* Escravidão, doenças e práticas de cura no Brasil. In: PRIMENTA, Tânia salgado; Gomes, Flávio: "Escravidão, doenças e práticas de cura no Brasil". Rio de Janeiro. Ed: Outras Letras, 2016.

BARBOSA, Keith Valéria de Oliveira: "*Vida e morte no Rio de Janeiro Oitocentista 1820-1836*", In: NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; CARVALHO, Diana Maul Um "*História Brasileira das Doenças*".

CHALHOUB, Sidney: "A força da escravidão: ilegalidade e costume no Brasil oitocentista". São Paulo. Ed. Companhia das letras, 2012.

CHALHOUB, Sidney: "População e Sociedade". In. CARVALHO, José Murilo. Rio de Janeiro. Ed. Objetiva, 2012.

CHALHOUB, Sidney: "Precariedade estrutural: o problema da liberdade no Brasil escravista (século XIX). In Estudantes de pós-graduação da UNICAMP: "História Social. Dossiê Racismo história e historiografia" – Revista dos pós-graduandos em história da UNICAMP. Campinas, 2010.

KARASCH, Mary: *A Vida dos Escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)*. São Paulo. Ed. Companhia das Letras, 2000.

MANIGONIAN, Beatriz G.: "Africanos livres: a abolição do tráfico de escravos no Brasil". São Paulo. Ed. Companhia das letras, 2017.

MATTOS, Debora Michels: "Do que eles padeciam: doenças e escravidão na Ilha

de Santa Catarina (1850-1859)". In: PIMENTA, Tânia Salgado; GOMES, FLÁVIO: "Escravidão, doenças e práticas de cura no Brasil". Rio de Janeiro. Ed: Outras Letras, 2016.

NEVES, Flávio Menna Barreto; ZANATTA, Eliane Marchesini: "Traços de Koeler: a origem de Petrópolis a partir da planta de 1846". Petrópolis, 2016.

NEVES, Flávio Menna Barreto; ZANATTA, Eliane Marchesini: "Traços de Koeler: a origem de Petrópolis a partir da planta de 1846". Petrópolis, 2016.

OLIVEIRA, Daniel: "*Os Facultativos são obrigados a declarar (..) cor (..) moléstia: Mortalidade, atuação médica e pensamento racial em Porto Alegre na segunda metade do século XIX.*" Porto Alegre. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2018.

PEREIRA, Júlio César Medeiros da S. "*A América devora os pretos: teses médicas, manuais de fazendeiros e grandes escravarias*". In: PIMENTA, Tânia Salgado; GOMES, Flávio: "Escravidão, doenças e práticas de cura no Brasil. Rio de Janeiro. Ed. Outras Letras, 2016.

PIMENTA, Tânia Salgado; GOMES, Flávio; KODAMA, Kaori: "Das enfermidades captivas: para uma história da saúde e das doenças do Brasil escravista". In: TEXEIRA, Luiz Antônio; PIMENTA, Tânia Salgado; HOCHMAN, Gilberto: "História da saúde no Brasil". São Paulo. Ed Hucitec, 2018.

PIMENTA, Tânia Salgado; GOMES, Flávio; KODAMA, Kaori: "Das enfermidades captivas: para uma história da saúde e das doenças do Brasil escravista". In: TEXEIRA, Luiz Antônio; PIMENTA, Tânia Salgado; HOCHMAN, Gilberto: "História da saúde no Brasil". São Paulo. Ed Hucitec, 2018.

SCHWARZ, Lília Mortiz: "As barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos". São Paulo. Ed. Companhia das letras, 1998.

SCHWARZ, Lília Mortiz: "As barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos". São Paulo. Ed. Companhia das letras, 1998.

VIANA, Iamara da Silva: "*Doenças de escravizados em Vassouras, 1840-1880: principais causas mortis e suas implicações.*" In: PIMENTA, TÂNIA Salgado; GOMES, Flávio: "Escravidão, doenças e práticas de cura no Brasil. Rio de Janeiro: Outras Letras, 2016.